

# IDENTIDADE CULTURAL E HIBRIDISMO NAS NARRATIVAS ORAIS DO MUNICÍPIO DE CASTANHAL.

Mestrando José Victor Neto<sup>1</sup> (UFPA)

**RESUMO:** *O presente trabalho tem por objetivo verificar e analisar como se processa o fenômeno da identidade cultural no município de Castanhal através da análise das narrativas orais presentes naquele município. As narrativas orais castanhalenses aproximam-se muito das narrativas orais nordestinas, o que pode ter relação direta com sua colonização por nordestinos cearenses, que para cá migraram durante os ciclos da borracha. Tal perspectiva leva-nos a questionar o mito da cultura amazônica enquanto algo homogêneo, buscando destacar a heterogeneidade cultural desta região, fruto de um hibridismo resultante da inter-relação entre os vários grupos humanos que compõem a Amazônia.*

**PALAVRAS-CHAVE:** narrativas, oralidade, identidade, hibridismo, nordestinos.

Os caminhos que me conduziram a pesquisar a permanência do imaginário nordestino nas narrativas orais no município de Castanhal foram decorrentes de questionamentos surgidos durante as pesquisas realizadas por ocasião de meu trabalho de conclusão de curso de graduação, intitulado *Memória insone: narrativas orais dos vigias de Castanhal*, orientado pela Prof. <sup>a</sup> Ms. Ana Alice de Melo Felizola. No referido trabalho, discorro acerca da atividade narrativa empreendida por um grupo de vigilantes noturnos no centro da cidade de Castanhal, no Pará, que tem se mantido profícua, à revelia do processo de extinção da arte narrativa, diagnosticado por Walter Benjamin, em seu artigo *O Narrador* (BENJAMIN, 1985). As narrativas que compõem o objeto de estudo deste trabalho, que caracterizei como pertencentes à Tradição Oral, foram coletadas durante as madrugadas de julho de 2004, no centro da cidade de Castanhal, junto aos vigilantes noturnos que lá atuam e mantêm uma intensa atividade narrativa como forma de entretenimento durante a jornada de trabalho noturno.

As narrativas orais coletadas junto aos vigilantes narradores da cidade de Castanhal apresentam características bastante diversas das narrativas comumente estudadas no Estado do Pará, nas quais figuram seres míticos, como a boiúna (cobra-grande), a matinta-pereira, o boto que se metamorfoseia em homem, o curupira, a mãe-d'água, entre outros. Durante a referida pesquisa, surpreendi-me com as fortes semelhanças que as narrativas coletadas em Castanhal guardavam em relação às narrativas orais que correm o sertão nordestino. Tais semelhanças não se restringem somente à estrutura, dando-se, também, no que se refere às temáticas, comumente presentes nas narrativas da tradição oral do Nordeste brasileiro.

Um desses elementos, comumente encontrados na literatura popular nordestina e que parece ter deixado marcas nas narrativas locais, diz respeito aos resquícios medievais, que ainda hoje sobrevivem na literatura de cordel e no imaginário nordestinos. Acerca dessa persistência, a Prof. <sup>a</sup> Jerusa Pires Ferreira, em seu livro *Cavalaria em cordel*, estuda as novelas de cavalaria que correm o Nordeste em forma de folheto, como uma forte evidência da conservação de um vasto repertório de procedência medieval no sertão brasileiro: “do confronto genético resultou o observar de uma atuação, que tipifica o poeta popular e uma verdadeira volta à Idade Média, à gesta e aos seus propósitos e andamentos”. (FERREIRA, 1993, p.116).

Entre as narrativas coletadas em Castanhal, há uma grande quantidade de histórias em que figuram reis, rainhas, princesas, castelos, espadas e demais elementos pertencentes ao repertório medieval.

Outro elemento que acredito fazer remissão à literatura popular nordestina diz respeito ao catolicismo popular, em que figuras sobrenaturais do imaginário cristão convivem, nas narrativas, com as pessoas do mundo vivente:

Daí o grande número de folhetos que falam do diabo – o cão, como é geralmente chamado. Esse personagem não costuma ser exclusivamente a personificação do mal, mas um elemento que convive com as pessoas do povo. [...]. O demônio e alguns santos aparecem, por isso, com certa frequência, mas sempre revestidos de muitas características humanas. É mais ou menos isso que se chama de “catolicismo popular”. (LUYTEN, 1983, p.42-3, grifo do autor).

A ocorrência de um diabo apresentando características humanas e, ainda por cima fazendo o bem, em uma das narrativas coletadas, na qual este se disfarça de advogado e defende um pobre pintor injustiçado, que lhe pintara um retrato, caracteriza-se, pois, em um possível indício de permanência de resquícios culturais bastante comuns às narrativas populares nordestinas. Aliado a isso, tem-se também a presença massiva de heróis malandros protagonizando essas narrativas, geralmente vítimas de algum tipo de exclusão social – por serem pobres, loucos, bêbados ou caçulas de uma família com muitos irmãos –, mas que conseguem sobreviver às adversidades e superar desafios através da esperteza, de modo bastante semelhante aos personagens “Chicó” e “João Grilo”, de *O Auto da Compadecida*, do escritor nordestino Ariano Suassuna.

Tais observações levaram-me a formular a hipótese de que a presença dessas narrativas no município de Castanhal pudesse ser fruto dos fluxos migratórios ocorridos durante os séculos XIX e XX, durante os quais uma imensa leva de nordestinos - em sua maioria, cearenses - veio a povoar as áreas correspondentes à Região Bragantina do Pará, fugindo das fortes secas ou mesmo atraídos pelas promessas de prosperidade nos seringais da Amazônia. E é justamente neste contexto de migrações nordestinas, impulsionadas pela economia da borracha e por um discurso oficial apoiado na idéia de progresso e desenvolvimento, que surge o núcleo de povoação que, futuramente, viria a tornar-se a cidade de Castanhal, como consequência do assentamento dos retirantes às margens da Estrada de Ferro de Bragança, em cuja construção muitos destes chegaram a trabalhar. Acerca desse processo, nos fala Roberto Santos:

O braço externo de sustentação da atividade extrativa e agrícola foi, por excelência, o nordestino. Descontando-se os maranhenses, cujas ligações com o Pará remontavam ao período colonial, é provável que as imigrações tipicamente nordestinas hajam começado em fins da primeira década do século XIX, a partir da seca de 1808-1809, acentuando-se lentamente até os anos setenta. Muitas vezes, essa corrente migratória assumiu papel pioneiro no desbravamento de regiões da Amazônia [...]. Graças à notável contribuição demográfica nordestina, a população do norte do país teve o desenvolvimento excepcional que jamais voltaria a repetir-se até nossos dias [...]. No período de apenas 40 anos, de 1870 a 1910, ela subiu de 323.000 a 1.217.000 habitantes, quase quatro vezes. (SANTOS, 1980, p.97-8 e 109)

Esse imenso contingente de migrantes nordestinos não só impulsionou o crescimento demográfico da região, como também trouxe consigo, certamente, todo um legado cultural, cujos rastros em nossa cultura ainda são bastante nítidos. Para tanto, destaco a importância das narrativas orais nesse processo de consolidação cultural como difusoras de variadas práticas culturais, tais como crenças, festejos religiosos e profanos, culinária, etc; sobretudo pelo imenso repertório de narrativas de Tradição Oral, bem como pelos relatos de experiência de vida, oriundos desses nordestinos migrantes que, conforme acredito, ajudaram a compor o variado repertório narrativo da Amazônia, para o qual chamamos a atenção neste trabalho.

Sobre a possível expansão e difusão da literatura oral nordestina em terras Amazônicas, fala-nos Joseph M. Luyten, em seu livro *O Que é literatura popular*:

Houve dois acontecimentos, a partir do Segundo Império, que modificaram boa parte da cultura popular brasileira e, em particular, a poesia. [...]. Outro foi a grande expansão nordestina para todas as

áreas amazônicas por ocasião do Ciclo da Borracha. Hoje em dia, pode-se dizer que todos os rios que correm para a Bacia Amazônica são habitados por nordestinos e descendentes e, assim, temos a expressão poética regional nordestina em todas essas regiões. (1983, p.11)

Essa imensa migração nordestina narrada por Luyten foi a mesma que, acredito, trouxe para a região de Castanhal uma imensa leva de nordestinos, o que, suponho, deixou tais resquícios ainda perceptíveis nas narrativas aqui coletadas.

A perspectiva de pesquisa por mim adotada, bem como os fortes indícios que vinham a fortalecer a hipótese aqui levantada, conduziram-me a uma extensa investigação, sobretudo bibliográfica, que se mostrou bastante frutífera e reveladora. Alguns dos resultados obtidos não só fortalecem a hipótese aqui considerada, como constituíram, para a pesquisa então realizada, elos entre as narrativas nordestinas e as castanhalenses, permitindo observar em meio aos rastros mais sutis, indícios palpáveis da possível migração de um repertório narrativo de tradição oral, proveniente do Nordeste brasileiro, ao Norte do país.

Dentre as narrativas orais encontradas no município de Castanhal, tive a felicidade de coletar a história de *Dimas e Dimá*, sobre a qual encontrei referências no livro *Armadilhas da memória: conto e poesia popular*, de autoria da professora Jerusa Pires Ferreira (1991), tendo sido esta narrativa por ela encontrada no sertão da Bahia. Entre a versão baiana e a castanhalense, apesar de haverem algumas variações, estas são mínimas, estando a maior parte das duas narrativas em plena consonância.

Uma segunda narrativa, intitulada *O Menino Sabido e o Padre*, também coletada no município de Castanhal, foi motivo de menções que datam da década de trinta, no livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, de autoria de José Carvalho. Na referida publicação, a versão desta narrativa registrada pelo autor apresenta em seu corpus elementos que remetem de maneira imediata ao sertão nordestino, merecendo, inclusive, um comentário do próprio José Carvalho a esse respeito, como podemos observar:

-Menino, quê de teu pae?

-Meu pai está no canto dos arrependidos.

(O pae, no anno passado, tinha feito um grande roçado e não chovêra, para plantá-lo; neste ano, que não fizera roçado, houvera um bom inverno).

(Esta circunstância está a indicar que a história se deu na terra das secas.). (CARVALHO, 1930, p.81).

A narrativa em questão viria ainda a ser encontrada, um tanto diluída, mas conservando quase intacta sua estrutura em versos, por entre as primeiras memórias do narrador de *Infância*, do escritor nordestino Graciliano Ramos, nascido em Quebrangulo, sertão de Alagoas e criado nas cidades de Viçosa (AL), Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE).

Mas essas evidências, longe de solucionarem meus questionamentos acerca da migração de um imaginário nordestino para a Amazônia, findaram por levantar novas questões, principalmente no que diz respeito a como se processa no município de Castanhal o fenômeno da identidade cultural.

Muito se tem falado de narrativas orais na Amazônia. No entanto, muitas vezes o discurso sobre tais narrativas vem carregado de uma homogeneização cultural que exclui ou omite a contribuição dos nordestinos para compor o repertório de narrativas orais na Amazônia.

Segundo Homi K. Bhabha, em sua obra *O Local da cultura*, a narrativa da nação surge da liminaridade entre o discurso pedagógico e os discursos performáticos, entendendo por discurso pedagógico o discurso essencialista, difundido por uma elite hegemônica, que se fez necessário para a constituição e manutenção da nação enquanto unidade, sobrepondo-se, assim, aos outros discursos como discurso oficial, apoiado na

idéia de uma origem única para a nação. Esse discurso está ligado aos interesses das classes dominantes, diante das quais os discursos performativos das classes subalternas não têm voz nem vez, caracterizando, pois, uma **subtração na origem**, o que gera a homogeneização cultural através da omissão das contribuições das camadas subalternas da sociedade. Essa homogeneização é uma estratégia para buscar “a representação da territorialidade moderna da nação, que se transforma na temporalidade arcaica, atávica, do Tradicionalismo”. (BHABHA, 1998, p.211)

Buscar identificar essa **subtração na origem** nos leva ao encontro das minorias que são objetos da mesma. O reaparecimento de tais minorias, e de seus enunciados omitidos, teria a função de deslocar o discurso do **poder** e do **saber** que gera o esquecimento, produzindo uma perspectiva de significação subalterna sobre a origem e o presente da nação.

No caso específico da Amazônia, essa homogeneização dá-se a partir da construção do mito de uma identidade cultural essencialmente *cabocla*, de ascendência indígena, que somente considera, quando o faz, a contribuição do colonizador europeu para a formação cultural amazônica, miscigenado às populações nativas. Essa origem única para a nação escolheu a figura do caboclo ribeirinho para forjar sua gênese e tem omitido as contribuições e versões de outros grupos humanos para a constituição da Amazônia. Para Homi Bhabha:

Os fragmentos e retalhos culturais usados pelo nacionalismo são frequentemente invenções históricas arbitrarias. Qualquer velho fragmento teria servido da mesma forma. Mas não se pode concluir que o princípio do nacionalismo (...) seja ele próprio de modo algum contingente e acidental. (GELLNER apud Bhabha, 1998, p.202).

Os fragmentos a que me refiro neste trabalho dizem respeito à adoção da cultura ribeirinha cabocla, de ascendência indígena, para a tessitura dos discursos identitários na Amazônia. Tal fragmento mostra-se insuficiente para abarcar toda a diversidade cultural, geográfica e histórica dessa região tão plural e multifacetada.

Ao se falar da Amazônia, há que se considerar toda a formação de um imaginário sobre esta região, do qual decorre seu próprio nome – em referência direta à lenda das amazonas. Essa **invenção da Amazônia** como uma região misteriosa, habitada por seres encantados, por lendas de Eldorados e de guerreiras icamiabas, fascinava o colonizador europeu e alimenta ainda hoje o imaginário sobre a região que corre, inclusive, as outras regiões do Brasil. Isso nos faz pensar na Amazônia como uma construção discursiva, cuja tessitura vem sendo elaborada desde as crônicas dos viajantes europeus que por aqui passaram. É justamente essa a imagem de Amazônia, fruto do olhar do “outro”, região exótica e paradisíaca, que acabou por ser utilizada pelos órgãos oficiais autorizados para forjar nossa identidade cultural. Segundo Ana Pizarro:

*La Amazonía es una construcción discursiva. Es nuestra tesis. No se ha llegado a ella sino a través de esta construcción. Es la historia de los discursos que la han ido constituyendo en diferentes momentos históricos y de los cuales hemos recibido parte de la información, fundamentalmente la que permite identificar el discurso externo sobre ella. (PIZARRO, 2005, p.133)<sup>1</sup>*

Considero a cultura, de modo geral e, sobretudo, as narrativas orais como produtos da interação humana, estando, pois, sujeitas a um constante processo de reelaboração e ressignificação, atestando seu caráter dinâmico e sua capacidade de

---

<sup>1</sup> A Amazônia é uma construção discursiva. É nossa tese. Não se tem chegado a ela senão através desta construção. É a história dos discursos que a vêm construindo em diferentes momentos históricos e dos quais nós só temos recebido parte da informação, fundamental a que permite identificar o discurso externo sobre ela. (PIZARRO, 2005, p.133)

mutação, o que permite sua vitalidade e permanência no seio das comunidades humanas. Neste sentido, as narrativas orais têm sido uma maneira de trazer à tona a voz de grupos sociais ou comunidades da classe subalterna que não têm voz frente às vozes hegemônicas, mostrando não só que há uma sociedade dividida em classe hegemônica e subalterna, mas que nesta última há várias vozes diferenciadas, permeadas de discursos alicerçados sobre modos específicos de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade oficial (GRAMSCI, 1978, p.190), o que nos leva a pensar a cultura dos subalternos não enquanto cultura popular, e sim como *culturas populares*, visto que há diferentes modos de inserção num mesmo sistema produtivo. (CHAUÍ, 1993, p.45).

Essa perspectiva é o que nos leva a questionar, a partir das narrativas orais de imigrantes nordestinos, o mito da cultura amazônica enquanto algo homogêneo, mostrando que esse território possui uma diversidade de produção cultural que também é fruto do seu processo de ocupação por diferentes grupos, caracterizando sua produção cultural, também, como fruto de um hibridismo resultante da inter-relação entre os vários grupos que compõem a Amazônia. O conceito de hibridismo, aqui empregado, articula estas questões diferentemente da noção de miscigenação, para a qual as características dos elementos envolvidos são apagadas pelo processo de mistura racial. O conceito de hibridismo vem destacar a presença dos elementos diversos que compõem o elemento novo, ressaltando-lhes as características no híbrido, ao invés de ocultar e homogeneizar-lhes as singularidades, como no elemento miscigenado. Segundo Zilá Bernd:

O híbrido é aquilo que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. (BERND, 1995, p.76).

As narrativas orais encontradas em Castanhal apresentam características bastante peculiares, como resultado de sua re-significação, apresentando em seu corpus elementos, segundo creio, oriundos do imaginário popular nordestino, agregados a elementos locais, caracterizando uma situação particular de hibridismo, visto que as narrativas orais analisadas não correspondem mais às matrizes nordestinas, nem tampouco se assemelham às narrativas orais encontradas em outras localidades do estado do Pará, onde a ocupação humana possa ter se dado de maneiras e em situações diversas às aqui diagnosticadas. Esse processo gerou, ou melhor, reconstruiu tais narrativas, constantemente reelaboradas pelo passar do tempo e pelas sucessivas narrações das mesmas, atravessando gerações e se reinventando na dinâmica social. O produto resultante desse processo são narrativas híbridas, trazendo em si elementos como personagens, tramas e intrigas bastante comuns ao imaginário popular do Nordeste brasileiro, mesclados às características da região, como os espaços e ambientes amazônicos, os animais, objetos, expressões da linguagem local e demais elementos que nos remetem diretamente ao modo de vida dos habitantes da Amazônia Paraense.

Tais elementos apresentam variações de intensidade nessas narrativas, o que não nos permitiria afirmar um padrão fechado para as narrativas orais da cidade de Castanhal, embora destaque a grande relevância da consideração desse processo de hibridação para analisar as mesmas e, por conseguinte, o fenômeno da identidade cultural em nosso município.

O repertório narrativo presente na cidade de Castanhal, mesmo possuindo heranças culturais provenientes do Nordeste brasileiro, trilha agora um caminho próprio, onde se processam elementos do sertão nordestino com referências próprias do ambiente amazônico, perfazendo uma cultura *crioula*, utilizando-se a terminologia cunhada por Édouard Glissant (2005), que nos afirma:

A tese que defenderei é a de que *o mundo se crioualiza*. Isto é: hoje as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos permitem dizer – sem ser utópico e mesmo sendo-o – que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo – a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todos os outros seres possíveis. ( 2005, p.18).

Édouard Glissant (2005), em suas conceituações, diferencia culturas compósitas - culturas nas quais a crioulaização se dá na ordem do dia – das culturas atávicas - culturas nas quais a crioulaização se deu há muito tempo. Nesse ambiente tão complexo, o repertório narrativo da cidade de Castanhal surge como o produto cultural de uma cultura compósita, na qual coabitam ecos de um sertão imaginário (porque mnemônico) e as referências regionais amazônicas; ora fundidos, ora colidi(n)dos; ora sobrepostos, ora opostos; ora em harmonia, ora em conflito; cultura esta que coexiste emudecida ou mesmo olvidada sob o peso das vozes dos discursos nacionalistas que vociferam em nome de uma Amazônia que se quer cabocla, típica e exótica, consequência de uma origem única e essencialmente indígena.

O estudo das narrativas orais do município de Castanhal pode, com efeito, contribuir para os estudos da oralidade na Amazônia Paraense, bem como quebrar com estigmas provenientes do discurso essencialista que prega um padrão homogêneo de cultura amazônica, visto que as narrativas orais, enquanto produto da comunicação humana e, portanto, tendo por excelência uma vocação discursiva, carregam em si os elementos das variadas vozes que compõem as camadas subalternas da população. Tal perspectiva deflagra um novo olhar acerca dessas narrativas, pois leva em consideração a heterogeneidade das mesmas, garantindo voz e vez aos excluídos e permitindo que estes recontem a história da nação a partir da perspectiva das camadas subalternas da sociedade, fazendo frente ao discurso homogeneizador da história oficial e criando um espaço único e complexo de difusão cultural subalterna, de caráter heterogêneo e inter-relacionado.

A pretensão desta pesquisa não é a de desmerecer o valoroso esforço precursor das pesquisas de oralidade até então empreendidas, nem de anulá-las, e sim de ser mais uma contribuição nesse esforço de estudar, pesquisar e analisar as narrativas orais correntes na Amazônia, considerando sua complexidade e diversidade de ocorrências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá, MIGOZZI, Jacques, *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1995.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CARVALHO, José, *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará: contribuição ao folk-lore nacional*. Belém, of graf, jornal de Belém, 1930.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Cultura e Democracia: O Discurso Competente e Outras Falas*. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em Cordel: O Passo das Águas Mortas*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Armadilhas da memória: (conto e poesia popular)*. Salvador, BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991. (Casa de palavras, n.º 8)

GLISSANT, Édouard, *Introdução a uma poética da diversidade*, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUYTEN, Joseph M. *O Que é Literatura Popular?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIZARRO, Ana. *Imaginario y Discurso: la Amazonía*. in JOBIM, José Luiz. *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

SANTOS, Roberto de O. *HISTÓRIA ECONÔMICA DA AMAZÔNIA: 1800-1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

ZUMTHOR, Paul. *INTRODUÇÃO À POESIA ORAL*. São Paulo: Hucitec, 1997.

---

<sup>i</sup> José Victor Neto, Mestrando  
Universidade Federal do Pará, Centro de letras e Comunicação.  
[zevictor042@yahoo.com.br](mailto:zevictor042@yahoo.com.br)